



Projeto Diálogos com o Ensino Médio

Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador - JUBEMI

Setembro, 2012

Módulo 2

O Ensino Médio no Brasil

MÓDULO 2

O ENSINO MÉDIO NO BRASIL

INICIANDO O MOSAICO

Car@ cursista,

No módulo I você conheceu detalhadamente a proposta do curso. Você teve um período de ambientação e pode explorar a plataforma Moodle e o portal EMdiálogo. Depois disso, dialogamos com você sobre os pressupostos teóricos e metodológicos, a organização do curso e, na aula inaugural, você teve a oportunidade de conhecer algumas pessoas de nossa equipe e conversar sobre o curso e o funcionamento da nossa “sala de aula” virtual. A essa altura, você também já conheceu a equipe de formadores e a turma com quem irá compartilhar suas leituras, atividades e discussões no ambiente virtual.

Pois bem, neste módulo vamos dialogar sobre o Ensino Médio brasileiro. Talvez você esteja se perguntando: o que será que vamos falar sobre este tema? Afinal, quando a gente fala de “Ensino Médio no Brasil” quem é que não pensa em infraestrutura das escolas, condições de trabalho do(de)cente, relação professor-aluno, relação família e escola...? São muitas as questões que poderíamos discutir.

Nosso objetivo aqui é refletir sobre o histórico, a função social da escola no mundo de hoje, os sentidos, a finalidade, os desafios e as possibilidades do ensino médio e do Ensino Médio Inovador, o programa do qual você participa.

Você reparou que nessa conversa tem muitos assuntos que têm a ver diretamente com você, com a realidade da sua escola e dos seus jovens alunos?

Então, seja bem-vindo/a!

Contamos com a sua companhia!

Helen¹ e Licinia².

SUPORTE

As transformações sociais e o papel da escola

Para iniciar nossa conversa sobre este assunto, comecemos por olhar à nossa volta. Se você estiver agora em casa, em sua escola, numa *lan house*, dê uma olhada no que está acontecendo: o que mudou no mundo desde quando você era criança até agora? Que coisas você tem na sua casa que não tinha antes? Comece a observar pelos móveis, eletrodomésticos, eletrônicos, telefones... essas coisas que a gente usa.

Agora, por exemplo, você está diante de um computador, estudando em uma sala de aula virtual. Desde quando isso é possível?

E o que mudou nas relações familiares? Esposo, esposa, companheiro/a, filhos... como vocês se relacionam hoje? O que mudou nisso tudo? Qual a relação entre essas mudanças na sociedade, no mundo e na escola?

Essas mudanças são o que nós costumamos chamar de transformações sociais. Podemos dizer que as transformações sociais são alterações, modificações, evoluções, que se sucedem nas estruturas básicas da nossa sociedade. Há todo tipo de transformações: políticas, econômicas, culturais, demográficas, das condições de trabalho... E estas mudanças afetam a vida de todas as pessoas (ricos, pobres, negros, brancos, indígenas, homens, mulheres...). Hoje em dia podemos dizer que vivemos em um momento de profundas transformações sociais que estão acontecendo à nossa volta, no nosso cotidiano: são as mudanças tecnológicas, as mudanças nas formas de produção, são as mudanças nas formas de comunicação e interação entre as pessoas, dentre outras transformações, tudo isso ocorrendo numa grande velocidade. Isto quer dizer que quando as relações, os processos e as estruturas econômicas, políticas, demográficas, geográficas, históricas, culturais e sociais se modificam, muda também nosso comportamento, nosso modo de pensar, de sentir e de ver a realidade.

¹ Pedagoga e Mestre em Educação pela UFMG. Professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e membro da equipe do Observatório da Juventude UFMG.

² Pedagoga, professora da Faculdade de Educação da UFMG e do Observatório da Juventude da UFMG. Coordenadora Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador.

Mas, qual é a relação entre educação e transformação social? E o que essas transformações sociais têm a ver com a escola?

A escola é uma instituição social inventada por nossa sociedade. E ela mesma é fruto das alterações que ocorreram nos séculos XVIII, XIX e XX. A expectativa era (e ainda é) de que a escola fosse capaz de socializar³, instruir e preparar as pessoas para viver em sociedade.

Esse foi o projeto de escola de uma época que costumamos chamar de modernidade. Para alguns, deu muito certo. Era um modelo de escola baseado na capacidade individual, ou seja, quem tinha sucesso na escola era porque era bom, inteligente, esforçado e o sucesso na escola resultaria em melhoria nas condições de vida. Quem não fosse bom na escola era incompetente, incapaz e a escola nada poderia fazer para melhorar seu desempenho.

Muita gente questionou este modelo de educação e de escola. Questionou-se principalmente o fato de que, no final das contas, somente uns poucos chegavam a uma escolaridade mais longa. A maioria das pessoas ficava no meio do caminho. Em outros casos, como no contexto das classes de trabalhadores, as pessoas eram levadas a acreditar que o ensino fundamental era o ponto final da trajetória de estudos, já que a continuidade dos estudos era para poucos, que poderiam sustentar toda uma trajetória como estudante e, só ao final dessa trajetória, iniciar a vida de trabalho. Ao mesmo tempo, não havia vagas em escolas públicas para todos que quisessem estudar, principalmente no chamado “ginásio” (que corresponde hoje à nossa segunda etapa do fundamental) e muito menos no “científico” ou “secundário” (equivalente ao nosso atual ensino médio). Ensino Superior nem se fala, o vestibular era ainda mais difícil de passar. Tudo isso diminuía ainda mais as chances da maioria das crianças e jovens construir uma trajetória escolar de sucesso.

Pense um pouco em como era difícil para sua família estudar. Pergunte aos seus jovens alunos quantas pessoas de suas famílias conseguiram concluir o Ensino Médio e fazer curso superior.

Pois então, os questionamentos feitos por muitas pessoas (pesquisadores, famílias, movimentos sociais, lideranças sociais e políticas,) provocaram uma abertura da escola aos mais pobres, a um público muito diferente daquele que até então frequentava esta instituição.

³ Socialização pode ser entendida como a transmissão às novas gerações de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos e representações do mundo.

Estes “novos sujeitos” que agora frequentam a escola estão muito próximos de você. Convivem com você quase todos os dias. Você já se perguntou sobre o que eles pensam da escola? Qual será o sentido que eles atribuem ao ensino médio? Será que é parecido com o que você pensa? Ou será muito diferente? Com certeza vários dos seus jovens alunos devem estar se perguntando:

O que eu estou fazendo aqui? Para que serve cursar o Ensino Médio? O que eu vou fazer com isso?

O vídeo que sugerimos abaixo é uma reportagem sobre o Ensino Médio no Brasil, vale à pena assistir.

Na década de 1990, as escolas públicas foram reconfiguradas a fim de suprir a demanda do ensino médio. No entanto, o aumento de vagas não foi acompanhado por qualidade no ensino. A proposta da série é discutir os sentidos do Ensino Médio nesse contexto. O vídeo selecionado debate a forma como se configura o universo escolar, que para muitos jovens, consiste em uma ambiguidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, pelo suprimimento da falta de sentido no presente.

CLIQUE AQUI para assistir ao vídeo:

http://tvescola.mec.gov.br/index.php?item_id=1259&option=com_zoo&view=item



Você gostou? Qual a parte que mais lhe interessou? Na primeira parte do vídeo são os jovens alunos que falam da escola e do ensino médio. Eles falam da importância dos conhecimentos aprendidos nesta etapa da educação e como isto muda a vida deles. Falam

também de como a escola possibilita conhecer a si mesmo e conviver com outras pessoas, ou seja, falam da escola como espaço de sociabilidade.

Para os jovens alunos, assim como para a toda a sociedade, a família e a escola são dois espaços fundamentais de aprendizado de saberes e de socialização. Também o trabalho e a mídia compartilham com a família e a escola esta tarefa educativa. Tarefa cada vez mais complexa. A família mudou, as relações com o mundo do trabalho mudaram e a mídia tem alterado profundamente nossas relações cotidianas. Até a escola mudou!

E já que chegamos até aqui, vamos procurar entender um pouco mais das transformações que vieram ocorrendo no ensino médio nos últimos anos, até para entendermos melhor os desafios que estão sendo enfrentados hoje em dia.

O que foi e o que tem sido feito do Ensino Médio brasileiro

Os anos 1990 são um divisor de águas na história da educação brasileira, das políticas educacionais, e também do Ensino Médio. Podemos dizer que, para o Ensino Médio no Brasil, há o antes e o depois dos anos 1990.

Até o final dos anos 1980, o Ensino Médio público foi marcado por uma dualidade: um ensino voltado para a formação das elites e outro voltado para os filhos da classe trabalhadora. Enquanto o primeiro, chamado ensino secundário propedêutico (ou formação geral) preparava o jovem para entrar na universidade, o ensino secundário profissionalizante (ou técnico) significava o final da escolarização e o ingresso efetivo no mundo do trabalho.

As reformas educacionais concretizadas nos anos 1960, 1970 e 1980 alteraram o nome dado a esta etapa da educação básica, que até então fora conhecida como colegial, ensino secundário, e passou a denominar-se ensino de segundo grau. Neste período, quando ocorria uma expansão de vagas, a oferta era quase sempre para os cursos noturnos.

O resultado deste desenho foi a multiplicação de cursos técnicos, na maioria das vezes sem uma boa qualidade, porque a ênfase na articulação trabalho e educação visava somente a instrumentalização para o trabalho. Pior ainda, devido à falta de recursos o que ocorreu foram improvisações curriculares que falseavam a formação profissional.

Foi assim que o ensino público chegou até o final dos anos 1980. Com pouca ou quase nenhuma alteração nas condições de acesso à escola e no seu funcionamento. Eram dois tipos de escola pública: uma diurna, de boa qualidade, para os jovens das camadas médias

que pretendiam fazer faculdade e outra, noturna, de baixa qualidade, para os jovens trabalhadores.

Quem não se lembra ou ouviu falar dos cursos de contabilidade, magistério, secretariado, dentre outros, que pouco auxiliavam na relação entre os jovens e a carreira profissional? Quem fez estes cursos deve se lembrar da precariedade, da falta de laboratórios e de professores especializados, não havia estágios, etc. O jovem aluno daquela época fazia um curso que acrescentava pouco para sua inserção no mercado de trabalho. E mesmo com a mudança na lei, que introduziu mudanças na organização do ensino médio, a tal dualidade do ensino médio continuava. Era tão “natural” a ideia de que os jovens das camadas populares não precisavam estudar tanto, que estes jovens sequer imaginavam a possibilidade de continuar os estudos.

Você se lembra como era difícil para uma criança ou jovem pobre entrar e ficar na escola? Você se lembra de ter ouvido frases como: “não tem jeito com fulana, porque ela não dá pro estudo”, ou “esse menino não tem cabeça pra escola, é melhor trabalhar mesmo”, ou “se aprendeu a assinar o nome, tá bom”. Frases desse tipo eram repetidas abertamente para justificar o fracasso escolar de muitas crianças e jovens, principalmente os das camadas populares.

A charge abaixo ilustra bem aquele momento histórico:



Esta charge te lembra alguma coisa? Há trinta anos atrás era mais ou menos assim. Este tipo de frase era reproduzida somente entre os filhos da classe trabalhadora, porque, como já dissemos, para as camadas médias e elites era “natural” que seus filhos fossem para a escola e chegassem à universidade.

Embora isso ainda se aplique em alguns contextos de nossa educação, podemos dizer que ocorreram mudanças no cenário educacional brasileiro.

O que você acha que mudou na realidade da sua escola? Lembra-se de quando nós falávamos nas transformações sociais e das mudanças que elas trazem para todos os contextos da vida social? As inovações científicas e tecnológicas, as mudanças nas relações sociais e no contexto político alteraram sensivelmente a maneira como as pessoas passaram a encarar o mundo e a si mesmas. Com a democratização da sociedade brasileira, a escola passou a ser reconhecida como um direito de todos. E um direito não só de entrar, mas também de permanecer nela. E mais, o direito a ter uma trajetória escolar de sucesso.

Resumindo, a situação era, e em parte ainda é, mais ou menos assim:



© nosso Sistema educacional em uma imagem.

A imagem acima reflete bem o contexto educacional da época. Parecia que tudo andava bem na escola, já que de certa forma, ela se abriu para um maior número de estudantes. Porém, ao entrar, o sucesso e o fracasso eram responsabilidade do aluno e da sua família. Falta de aptidão, falta de cultura, falta de inteligência, falta de esforço, falta de vontade... tudo isso era usado para dizer que o fracasso era um problema individual.

Contudo, os movimentos sociais e políticos, questionaram os mecanismos de seleção escolar e reivindicaram a universalização do ensino. Ao mesmo tempo em que se abria a

“caixa preta”⁴ da escola, as camadas populares demandavam a escolarização dos seus filhos.

A partir de 1990, efetivamente após a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB 9394/96), ocorreu uma grande expansão e, ao mesmo tempo, a massificação do ensino. Ou seja, as barreiras que antes impediam os jovens pobres de frequentarem a escola, em parte, foram quebradas.

E o ensino médio, que antes era visto apenas como passagem ou etapa, para as classes médias, entre o ensino fundamental e superior, hoje é considerado a etapa final da escolarização obrigatória e tem como finalidades a preparação para a continuidade dos estudos, a preparação básica para o mundo do trabalho e o exercício da cidadania.

Entretanto, mesmo sendo um avanço, esta mudança de concepção e a expansão do ensino NÃO vieram acompanhadas de melhorias na qualidade. Uma das explicações para isso é o fato de que à medida que as camadas populares entraram na escola, os jovens das camadas altas e médias migraram para a rede particular. A escola pública perdeu assim uma parte da sua força de pressão por qualidade. Ao mesmo tempo, a escola não se readequou para receber a nova e crescente clientela. De um lado os recursos destinados à educação não se ampliaram na mesma proporção, daí vieram as dificuldades na infraestrutura, na modernização das escolas e na precarização da condição docente. Por outro lado não houve mudanças significativas nos tempos e espaços escolares, no currículo, na forma de lidar com o conhecimento. Tudo isso junto veio gerando uma “escola pobre para atender aos pobres”.

Outra questão que se observa hoje é que as mudanças de concepções que orientam a elaboração de leis e de políticas apresentam dificuldades em serem implementadas e têm pouco reflexo na realidade escolar, no cotidiano das escolas. Ou seja, as propostas, programas e políticas educacionais ainda tendem a “ficar no papel”, e mesmo quando chegam à escola não são facilmente operacionalizadas. Nesse sentido é fundamental que a escola e os professores fiquem atentos às discussões e decisões que ocorrem no congresso e nos governos municipal, estadual e federal para garantir a implementação de fato dos

⁴ A caixa preta, que na verdade tem a cor laranja, é um aparelho utilizado obrigatoriamente nos aviões e serve para registrar mensagens enviadas e recebidas à torre. Registra também as condições do avião, as conversas dentro da cabine, a variação da velocidade, a variação da aceleração, a variação da altitude e a variação da potência. A mesma expressão foi utilizada por alguns sociólogos da educação para dizer que, até os anos 1960, as pesquisas só falavam do que se passava fora das escolas, e somente o professor, os alunos e gestores sabiam o que acontecia no interior da escola e das salas de aula. Portanto, para saber o que acontecia dentro das escolas, dentro das salas de aula, era preciso abrir a caixa-preta.

avanços legais. Um deles é o debate em torno do financiamento da educação. Em 2006 houve um grande avanço com a criação do FUNDEB⁵, que passou a garantir o financiamento do ensino médio, dentre outros. Mas os recursos ainda são insuficientes e agora o desafio é a aprovação dos 10% do PIB para a Educação. Um outro marco legal que é importante todos conhecerem são as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio⁶.

Tais diretrizes, aprovadas em 2011, deixam explícito aquilo que nós chamamos até aqui de mudança na concepção. Este documento retrata a importância de a escola pública oferecer ao jovem aluno uma formação humana integral, que inclui um aprimoramento do jovem aluno como pessoa humana, a consolidação dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, a preparação básica para o mundo do trabalho e a cidadania, dentre outros objetivos.

Significa dizer que o ensino médio deve oferecer ao jovem aluno muito mais do que uma preparação para o vestibular ou uma formação reduzida para o trabalho. Para isso prevê uma grade curricular mais flexível de tal forma a atender à multiplicidade de interesses dos jovens e também valorizar a autonomia das escolas na definição do currículo. Incentiva também que as escolas desenvolvam possibilidades formativas com itinerários diversificados para atender às diferentes necessidades dos alunos. Com essas definições, as novas diretrizes deixam clara a centralidade do jovem aluno na organização e funcionamento do ensino médio. Significa que a escola pública de ensino médio deve funcionar como um suporte, contribuindo para ampliar a formação humana do jovem no seu presente, mas também preocupar-se com o seu futuro, ajudando-o a definir o seu projeto de vida. Você pode notar que o Programa Ensino Médio Inovador é um reflexo dessas novas diretrizes.

Como vocês podem perceber este tipo de orientação muda radicalmente o olhar sobre o Ensino Médio público. Se antes o jovem aluno pobre era visto “sem futuro” ou “com futuro já definido” (para o trabalho), atualmente eles devem ser enxergados por nós, professores, como sujeitos. Significa dizer que cada um destes jovens alunos chega à escola com uma história, com um conjunto de experiências socioculturais que vão orientar suas necessidades, desejos e interesses, que são os mais variados.

⁵ FUNDEB significa: Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

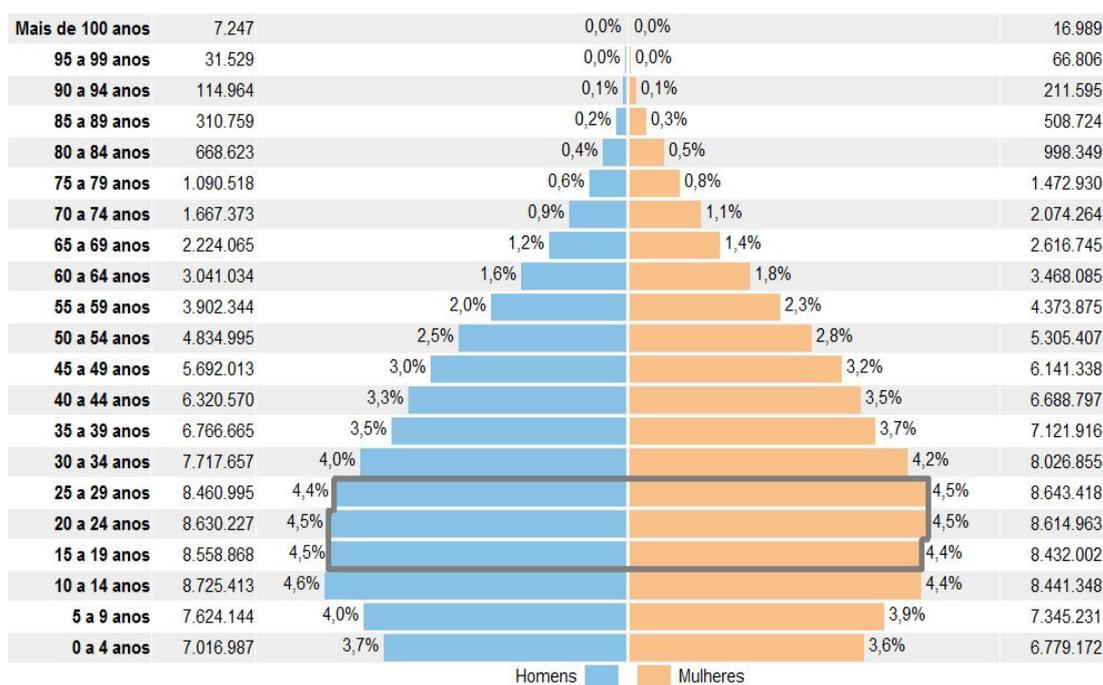
⁶ As Novas Diretrizes do Ensino Médio podem ser encontradas no Portal Emdialogo www.emdialogo.uff.br no link Biblioteca. Não deixe de ler o Parecer elaborado pelo Conselho Nacional da Educação.

E então, o que você acha desta mudança toda? Como estas mudanças “aparecem” na sua escola? Se a sua escola tiver mais de vinte anos de funcionamento com alunos de Ensino Médio, dá até pra você ver o que mudou em termos de: quantidade de alunos atendidos, perfil dos alunos e das famílias e o tipo de “currículo escolar”.

Mas vamos continuar nossa conversa. No próximo tópico, vamos refletir sobre o ensino médio e seus desafios, agora através das estatísticas. Vamos aos números do Ensino Médio brasileiro!

O Ensino Médio em números

Antes de falarmos dos números relativos ao Ensino Médio, vamos identificar os jovens, no conjunto da população brasileira. No gráfico a seguir, podemos observar a pirâmide etária, tendo como referência o ano de 2010.



Pirâmide Etária do Brasil - 2010

Fonte: IBGE

Veja que a população considerada jovem, entre 15 e 29 anos de idade⁷, representa uma parcela significativa da população do nosso país, aproximadamente 30%. Diante de um número tão expressivo, logo nos perguntamos: o que será que tem sido feito para este grupo em nosso país? Será que esta grande faixa da população tem sido atendida pelas políticas públicas? Se pararmos para pensar, vamos perceber que existem poucas ações governamentais voltadas especificamente para os jovens, embora eles representem quase um terço da população. O que existe em sua cidade na área de saúde, lazer, esporte, cultura, trabalho, etc, com foco na juventude?

Talvez pouca coisa. O que a gente percebe é que a educação é uma das poucas políticas que atende à grande parte da juventude brasileira. A escola aparece, portanto, como um dos principais espaços de apoio, presença e sociabilidade dos jovens. Sendo assim, a educação não deveria ser o ponto chave das ações do governo?

Pois bem, se tomarmos a idade considerada ideal para cursar o ensino médio, 15 a 17 anos de idade, observamos que apenas 50,9% desses jovens encontram-se no ensino médio. Onde estão os outros quase 50%?

Dados sistematizados pelo IPEA (2010) demonstram que as desigualdades no acesso ao ensino médio são pronunciadas, especialmente quando considerada a renda das famílias dos alunos: entre os jovens mais pobres, 31,3% entre 15 e 17 anos de idade cursavam o ensino médio, proporção que, para os mais ricos, é de 72,5%, ou seja, a presença no ensino médio de jovens mais ricos é mais de duas vezes superior à presença dos mais pobres.

Os aspectos regionais também mostram desigualdades de acesso, especialmente se comparadas às regiões Sudeste e Norte. Na primeira, 60,5% dos jovens de 15 a 17 anos frequentam o ensino médio e, na segunda, apenas 39,1% o fazem. Também há desigualdade no acesso ao ensino médio entre brancos e negros. Enquanto 60,3% dos brancos de 15 a 17 anos de idade frequentam a escola, entre a população negra essa taxa cai para 43,5% dos jovens. Assim, os negros, independentemente da origem de classe, estão em desvantagem em relação aos brancos.

Observe a tabela abaixo.

⁷ O conceito de juventude e a discussão sobre a faixa etária desta parcela da população será apresentada no próximo módulo.

Situação educacional dos jovens em 2008 (%)			
	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
Analfabetos	1.7	2.4	4.2
Frequenciam o ensino fundamental ¹	32.5	3.7	1.6
Frequenciam o Ensino médio ²	50.8	12.7	2.7
Frequenciam o ensino superior ³	0.6	13.9	7.8
Frequenciam a alfabetização de jovens e adultos	0.1	0.2	0.2
Estão fora da escola	15.9	69.5	87.7

¹ Ensino Regular ou EJA / ² Ensino Regular, EJA ou Pré-Vestibular / ³ Inclui mestrado ou doutorado

Fonte: Pnad/IBGE - Elaboração: Disoc/Ipea

Analisando os dados da tabela acima, notamos que a taxa de analfabetismo é menor entre os grupos de menor faixa etária, o que pode ser considerado um avanço para as novas gerações. Contudo, a situação de frequência na educação básica ainda é um desafio a ser enfrentado por essa parcela da população. Impressiona o número de jovens entre 15 e 17 anos que estão fora da escola, o índice é de 15,9%, isso corresponde ao total de 1.635.573 de jovens fora da escola. Talvez esse seja o maior desafio da escola: como garantir escola para todos os jovens brasileiros? Você já pensou nisso: como trazer os jovens que estão fora da escola no seu bairro, na sua cidade? Como fazer para que os jovens não abandonem tanto a escola?

Buscando compreender os motivos do abandono da escola, a Fundação Getúlio Vargas (2009) realizou uma investigação com a população entre 15 e 17 anos de idade, a partir do seguinte questionamento: o que leva um jovem a sair da escola? Segundo o levantamento realizado, as causas citadas foram: falta de interesse para 40,29%, falta de renda para 27,09%, ausência de oferta para 10,89 %, e para 21,73% dos pesquisados os motivos para o abandono são outros. Chama a atenção nesta pesquisa o grande número de jovens que disseram ter abandonado o ensino médio por falta de interesse. A princípio podemos pensar que o problema é do jovem aluno, mas será que é mesmo? Ou será que é a escola que não

tem conseguido envolvê-lo, que não tem ajudado na construção de um sentido para os seus estudos? Tudo isso nos leva a questionar como tem se dado a relação entre os jovens e a instituição escolar e o que causa essa falta de interesse por parte daqueles que abandonam seus estudos.

No Brasil, a expansão do ensino médio a partir dos anos 90 se deu em um contexto de desemprego e incertezas quanto ao futuro. Isso tem impacto nas relações dos jovens com a escola. Os jovens confiam na escola e esperam que ela tenha um impacto positivo nos seus projetos de futuro. Ao mesmo tempo, eles também sabem que a certificação escolar não é suficiente para garantir sua mobilidade social. O jovem aluno fica dividido entre valorizar o estudo como “promessa” e a falta de sentido do presente. Esse conflito pode explicar algumas posturas de jovens alunos, como abandono, recusa à participação ou mesmo a indisciplina. Outros jovens alunos tendem a ter uma relação instrumental com o conhecimento escolar e com a própria escola. Significa dizer que para esses, a escola e o estudo perdem sua significância, ou seja, se não faz sentido estudar, estuda-se apenas para conseguir a aprovação.

Nesse sentido, podemos questionar de que maneira a escola tem se colocado na vida dos jovens estudantes? Quais os sentidos e significados que os jovens atribuem à escola? Os jovens conseguem dialogar com essa instituição, expondo as suas demandas e necessidades? A escola contribui para a elaboração de seus projetos de futuro?

COMPONDO O MOSAICO

ATIVIDADE 1

Observe a sua escola e registre os desafios que se destacam a partir do seu olhar. Nesta atividade é importante que você exercite o olhar de estranhamento diante de seu cotidiano, ou seja, tentando se imaginar como um antropólogo, ou um turista estrangeiro, buscando identificar os principais desafios que são colocados no contexto do ensino médio, como o exercício da docência, a relação com os alunos, com as famílias, com seus colegas de trabalho, questões da própria escola, entre outros.

Registre essa atividade no seu portfólio.

Desafios do Ensino Médio

Então, conseguiu fazer sua atividade? Se sim, vamos ver o que você registrou? Será que no seu registro aparecem coisas que estão na lista que nós também fizemos? Vamos ver?

- Identidade do Ensino Médio (Currículo).
- Condições da escola (infraestrutura, equipamento escolar).
- Condição docente (qualificação, carreira, remuneração).
- Relação professor/aluno, relação jovem/adulto.

O ensino médio no Brasil apresenta desafios consideráveis que não são novidades para você, mas vale a pena lembrá-los. Uma série de estudos e pesquisas apontam algumas variáveis que vêm interferindo na qualidade do ensino médio. Dentre elas podemos citar:

❖ Currículo

Como já abordamos neste módulo, o currículo do Ensino Médio é marcado por interrogações históricas, que nos remetem a pensar nas finalidades desta etapa da educação básica e nos sentidos da escolarização para os sujeitos jovens.

Começamos afirmando que os jovens alunos de nossas escolas não são receptáculos de informações descontextualizadas, mas sujeitos ativos do processo educativo e nós, professores/as, não somos meros transmissores de conteúdos. Pensando assim, precisamos superar o descompasso entre o currículo e a vida cotidiana, entre os conteúdos escolares e as demandas da vida prática. Isto quer dizer que, quando os currículos escolares se aproximam do cotidiano vivenciado pelos jovens alunos, pode ocorrer uma efetiva construção de significados sobre o conhecimento, os jovens alunos podem usufruir os conhecimentos apreendidos na escola e podem, com isso, alterar os sentidos da própria escolarização.

Para superar este descompasso, é fundamental repensar a relação entre as diferentes disciplinas, conteúdos, práticas individuais e coletivas, que se instituem no interior da escola. Isto possibilita falar em trabalho interdisciplinar. O trabalho interdisciplinar requer, antes de tudo, uma explicitação das diversas concepções de educação, de sujeito, de ensino e de aprendizagem, que permeiam os contextos escolares e nossas práticas pedagógicas.

Explicitar estas concepções é admitir que o ato de ensinar é inseparável da concepção de mundo do professor. E aprender é uma relação que o sujeito trava consigo mesmo, com a intervenção do outro, com o objeto do conhecimento, com o (seu) mundo e com o meio social. Tal afirmação nos remete à necessidade de fazer da escola um espaço de interações e interlocuções entre professores, entre esses e os jovens alunos, jovens alunos entre si e entre os demais trabalhadores da instituição escolar.

Estas ações exigem ousadia, coragem, conhecimentos, pois não é simplesmente mudar uma prática pedagógica, trocar o velho pelo novo. Implica reavaliar, transformar, ressignificar conceitos e valores pensando sobre questões contemporâneas que produzem sentidos na vida dos jovens alunos.

❖ **Condições da escola**

Ainda vivenciamos um contexto de precariedade na infraestrutura em muitas escolas brasileiras. Em grande parte, este problema é evidenciado pela falta de investimentos públicos necessários para a concretização de um ambiente que apresente condições mínimas necessárias para a realização do processo de ensino-aprendizado de qualidade. Laboratórios de ciências e de informática bem equipados, salas de aula adequadas, bibliotecas, quadras de esportes e outros espaços educativos adequados às necessidades dos professores e dos jovens alunos, são algumas das necessidades já apontadas em censos escolares, filmes e documentários sobre o ensino médio brasileiro.

Neste contexto, não podemos deixar de lembrar a atualização de nossas escolas com as novas tecnologias. O maior desafio aqui consiste não apenas na compra de aparelhos e materiais, mas sim em uma efetiva preparação para utilização destas novas tecnologias, aliadas ao currículo escolar.

Os problemas na infraestrutura das escolas, aliados às dificuldades cotidianas da gestão escolar, configuram um grande desafio para o ensino médio no Brasil.

❖ **Condição docente**

O que observamos ainda é que o professor vivencia cotidianamente problemas que interferem em seu fazer pedagógico. E estas interferências afetam diretamente a motivação e envolvimento de boa parte dos professores.

O desafio relacionado à condição docente abarca dificuldades nas próprias condições de trabalho que vão desde a formação inicial e continuada, à remuneração, a (im)possibilidade de dedicar-se integralmente a uma escola, a falta de equipamentos adequados para as aulas e a composição do quadro docente nas escolas - que é especialmente problemática em determinadas disciplinas como Matemática, Física, Biologia e Química, nas quais faltam professores habilitados.

Além das questões mais objetivas, como as condições de trabalho e a baixa remuneração, não podemos deixar de destacar as múltiplas cobranças sobre estes profissionais, que precisam estar bem informados, atualizados sobre novas tecnologias, ligados no que acontece com os jovens à sua volta, etc, mas que ao mesmo tempo, não têm acesso a uma formação continuada que dê conta de suprir essas expectativas.

❖ As relações entre professores e jovens alunos

Segundo Tardif, (2005, p.23) “a escolarização repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo escolar, e principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos”.

Heterogeneidade é a palavra que traduz as inúmeras formas de interação estabelecidas entre professores e jovens alunos no cotidiano das escolas. Diversidade é a palavra que denomina os mais variados grupos sociais e sujeitos que invadem este cenário. Há uma pluralidade de professores/as que adentram a escola, vão para as salas de aula, “dão aulas”, corrigem avaliações, frequentam a sala de professores. Assim como existe uma pluralidade de jovens alunos que circulam todos os dias pelas escolas, corredores, salas de aula, pátios...

Na escola, os sujeitos jovens viram alunos. E essa é uma das tensões que perpassam o encontro dos jovens com a escola. Tanto a escola quanto os jovens alimentam expectativas⁸. Enquanto a escola espera receber sujeitos “mais interessados”, mais

⁸ Sobre as relações entre professores e alunos, Gusmão (2005) dirá que o problema da “aprendizagem escolar” é esse tenso e conflitivo “encontro entre culturas diferentes” no interior da escola. Ao narrar o cotidiano escolar das crianças e jovens que habitam os Bairros de Lata ou Aldeias d’África, na periferia de Lisboa, a

“adultos”, os jovens buscam uma escola aberta à interlocução, às suas práticas, às suas demandas e às suas trajetórias biográficas. Suas formas de oposição, suas manifestações de indisciplina, lidas pelos professores como franca disputa, são muitas vezes um modo de dialogar com a escola ou mesmo de resistir aos modelos de escolarização que não tem vínculo com suas necessidades e interesses, uma vez que os ritmos, as estratégias, os tempos e as propostas educativas são os mesmos. Por sua lógica instrumental, a escola reduz a compreensão da educação e de seus processos a uma forma de instrução centrada na transmissão de informações.

Os desafios que apresentamos acima e tantos outros que você registrou evidenciam o complexo cenário do ensino médio. Muitas medidas serão necessárias para o enfrentamento destes e outros desafios que se colocam no contexto do ensino médio. No próximo tópico, vamos falar do Programa Ensino Médio Inovador. Este programa é uma das ações que vem sendo desenvolvidas no chão das escolas e que têm contribuído para a reflexão sobre estes desafios, especialmente no que diz respeito ao currículo e às demandas dos sujeitos da escola, especialmente os jovens.

O Programa Ensino Médio Inovador como possibilidade de articular o currículo escolar às demandas dos jovens alunos do Ensino Médio

Provavelmente você, sendo um professor articulador, já leu algum documento do Programa Ensino Médio Inovador. Mas como a implantação deste programa tem ocorrido em momentos diferentes nas escolas estaduais de ensino médio, vamos dar uma recapitulada?

Quando falamos da implantação em momentos diferentes, aí já tem uma informação importante. O Programa Ensino Médio Inovador foi instituído pela Portaria nº 971, de 09/10/2009. Mas não começou em todas as escolas ao mesmo tempo. Sua implantação tem ocorrido por etapas, nos diferentes estados do Brasil. Este programa não é implantado obrigatoriamente. São as escolas que, de acordo com suas possibilidades, demandas e interesses aderem ao programa.

autora conta que os professores que atuavam na escola afirmavam que ali não havia problemas raciais e que estes seriam de ordem social e cultural. No entanto, um dos problemas que se refletia na escola era a questão da linguagem. Ainda que os discursos oficiais se baseassem na afirmação do direito à igualdade, a prática educativa negava quotidianamente aos alunos imigrantes africanos a possibilidade de transitarem entre reinos psíquicos e culturais distintos: o crioulo, a língua própria e de uso cotidiano, e o português, a língua formal, exigida pela escola e pela sociedade.

O programa tem como objetivo estimular o fortalecimento e desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio dos sistemas de ensino estaduais e do Distrito Federal. Mas como? Nessa modalidade os estudantes permanecem mais tempo na escola já que a carga horária é ampliada para três mil horas, com a consequente alteração da matriz curricular. E esta alteração deve se dar a partir da elaboração de “propostas curriculares inovadoras”. A primeira condição para que a proposta seja inovadora é a necessidade de reconhecer a especificidade dos jovens alunos de cada escola, suas demandas e necessidades e buscar responde-las através de uma reorganização curricular. Para isso torna-se necessário mudar a pergunta inicial. Antes era: quais conhecimentos, informações ou saberes devemos priorizar? Mas agora a pergunta deve ser: quais os conhecimentos, saberes, habilidades, valores e práticas são fundamentais aos jovens alunos desta escola em que atuamos? Para responder a essa pergunta é preciso que a reorganização curricular seja articulada de forma interdisciplinar. Se cada professor continuar fechado na sua disciplina a escola não conseguirá avançar em sua prática educativa.

Uma outra condição é a necessidade de cada escola elaborar e também realizar ações inovadoras. O que se imagina é que as “boas ações” propostas pelas escolas podem ser incorporadas ao currículo. A sugestão é investir mais na leitura, nas atividades teórico-práticas em laboratórios por exemplo e no maior estímulo às linguagens artísticas, dentre outras indicações. Assim, ao mesmo tempo em que essas ações inovadoras fortalecem o processo de ensino-aprendizagem, também aumentam o tempo do jovem aluno na escola e estimulam sua permanência no espaço escolar. Trocando em miúdos, a ideia é que a diversidade de práticas pedagógicas tenham efeito positivo sobre professores, jovens alunos e comunidade educativa. Esse efeito positivo levaria cada escola a repensar o currículo, e construir um projeto político pedagógico envolvendo toda a comunidade escolar.

Mas como seria feito isso? Em termos de financiamento, a escola que adere ao PROEMI recebe recursos de convênio com a Secretaria de Educação do seu Estado e também do MEC, por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Com este dinheiro, a escola pode comprar equipamentos, materiais didático-pedagógicos e de consumo, custear eventos, contratar serviços e consultorias específicos para ações do programa, comprar equipamentos e materiais tecnológicos.

COMPARTILHANDO FRAGMENTOS

ATIVIDADE 2

Você já realizou sua atividade de registro da escola: teve a oportunidade de focar nos desafios que percebe no cotidiano da sua escola. Você também leu sobre os principais desafios das escolas de ensino médio no Brasil. A proposta agora é que você participe de um fórum, no qual terá a chance de interagir com os participantes de sua turma e comparar os desafios que enfrentam como professores do ensino médio.

Para tanto, você deverá escolher o desafio que mais te incomoda e relatar para os seus colegas no “Compartilhando Fragmentos”.

Feito isto, você deverá realizar a leitura dos comentários dos seus colegas e participar do nosso círculo de apoio mútuo. Mas como isso funciona? Sabemos que muitos são os desafios enfrentados no ensino médio mas, como professores precisamos ir além das lamentações. Neste sentido, cada cursista terá a tarefa de auxiliar no avanço das reflexões sobre o problema destacado por determinado colega.

Inspirados no poema de Carlos Drummond de Andrade, *Quadrilha*, construímos nosso círculo de apoio mútuo. Veja abaixo sua localização neste círculo:

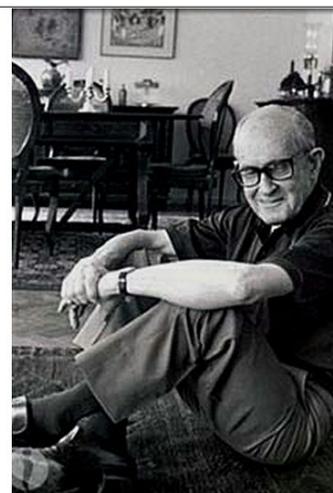
Após a escolha do desafio, compartilhe no fórum, no tópico em que estiver o seu nome, e posteriormente comente no tópico de seu colega, tal como disponibilizado no círculo de apoio mútuo, ok!?

Agora que você já sabe qual sua posição em nosso círculo (também já sabe quem fará o diálogo sobre o desafio que você escreverá; e também já sabe sobre qual relato deverá auxiliar), vamos lá?

Quadrilha

*João amava Teresa
Que amava Raimundo
Que amava Maria
Que amava Joaquim
Que amava Lili
Que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e
Lili casou com J. Pinto Fernandes
Que não tinha entrado na história.*

Carlos Drummond de Andrade



OUTRAS CORES

PARA SABER MAIS:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresmimos/sinteseindicsociais2010/SIS_2010.pdf

<http://www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos/>

<http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/rulianrocha.pdf>

<http://www.rieoei.org/rie20a06.htm>

<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/22473/censo-escolar-2011-raio-x-da-educacao-basica-no-pais/>

<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/21786/um-terco-dos-alunos-que-deviam-estar-no-ensino-medio-estao-no-fundamental/>

<http://www.emdialogo.uff.br/%C3%ADndice-do-diret%C3%B3rio/palavras-chave/rela%C3%A7%C3%B5es-sociais-na-escola>

<http://www.emdialogo.uff.br/%C3%ADndice-do-diret%C3%B3rio/palavras-chave/condi%C3%A7%C3%A3o-docente>

<http://www.emdialogo.uff.br/%C3%ADndice-do-diret%C3%B3rio/palavras-chave/forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores>

<http://www.acaoeducativa.org.br/desafios/desafios2/entrevista3.html>